

17/7/1986

A entrevista de Lula

Atingido, desde os episódios de Leme, por um irresponsável processo de perseguição ideológica e de confusão político, o PT vem a público, na pessoa de seu presidente, com declarações que tampouco estão isentas de crítica. Em sua entrevista de ontem à Folha, Luis Inácio Lula da Silva condenou, com justa veemência, as explorações que tem sido feitas em torno do caso. Mas o entrevistado parece valer-se das circunstâncias para acusar, não o comportamento antidemocrático deste ou daquele setor, mas toda a democracia que se vem implantando no país.

É típica do raciocínio petista, por exemplo, a coexistência de um extremo rigor na avaliação do regime brasileiro com a ampla tolerância face aos discricionarismos de Nicarágua ou de Cuba. O raciocínio, repetido aqui com menos clareza — e mais prudência — do que na tristemente memorável entrevista de dezembro passado, surge da seguinte maneira: se o PT não cresce ainda mais e se não ganha eleições, isto se deveria a um boicote dos meios de comunicação e às restrições na lei da propaganda eleitoral gratuita.

Sem dúvida, o PT tem o direito de reivindicar tanto espaço quanto quiser; não é isto, todavia, o que interessa. Trata-se de encontrar, de alguma forma, pretextos que expliquem a baixa penetração eleitoral e política do partido. Como sempre, importa creditar a "falta de espaço" como o grande responsável pelo insucesso. O raciocínio estaria baseado no pressuposto, nada democrático, de que sendo a maioria "naturalmente vocacionada" para apoiar as teses do PT, esta só não o sufragou porque o partido não as pôde transmitir plenamente.

Não fosse este, provavelmente o pretexto seria outro. Basta notar, entretanto, que reside aí o principal preconceito do PT quanto ao regime. Se, pelo visto, o partido não alcança o reconhecimento que, segundo seus líderes, deveria obter, trata-se de criticar a atual experiência democrática: é a dos grandes partidos, é a dos ricos, é a de Montoro, Maluf, Ermírio ou Quéricia unidos num mesmo conluio.

Nada poderia dar tantos argumentos aos que pretendem estigmatizar o PT, do que essa visão exclusivista e messiânica do processo político. Agarrando-se a distorções e desequilíbrios existentes, mas secundários, o PT termina por descaracterizar todo o sistema eleitoral em vigor. Mas seria no mínimo discutível do ponto de vista da democracia, por exemplo, um sistema em que se desse a partidos como o Pasart, o PMB ou o PL o mesmo destaque merecido por agremiações de bem maior relevância eleitoral, parlamentar e política.

Se a atual campanha ideológica procura denegrir de maneira desonesta e inconseqüente a imagem do PT, ninguém irá negar em sua consciência que, mesmo sem essa campanha, a agremiação não se mostra capaz de convencer a maioria da população, alinhada em favor do centro democrático. Quando uma entidade como a CUT propõe a "ocupação de terras improdutivas", acima da lei e do Congresso; e quando o PT se perde nas suas radicalizações de hábito, tudo contribui para restringir sua margem de penetração e para distanciá-los da democracia, do mesmo modo que quaisquer injustiças e perseguições de determinados setores de opinião.

O PT pode reafirmar, por atos e palavras, seu caráter contestador e crítico. Mas se seu próprio presidente desacredita do atual sistema — onde o partido tem existência legal e onde sua mensagem é conhecida da população — a democracia como um todo é que sai, mais uma vez, enfraquecida.

